

## **AVISO A UM PACATO CIDADÃO**

toma cuidado com essas crianças sujas esfarrapadas e remelentas  
elas são falsas e traiçoeiras  
apenas querem de ti o relógio que trazes no pulso  
(atenção aos pedintes que te esperam nos semáforos)  
bem como as jóias e os dólares que guardas em casa

se os vires por perto pega na arma que escondes na gaveta das  
camisas

e deixa-a carregada  
porque essas crianças não merecem compaixão  
elas não sentem nem pensam nem vivem como tu  
de dia como matilhas de cães vadios rondam a tua porta  
farejando e fungando  
e de noite agitam-se em sonhos de comida e de roupa  
(ora convenhamos que esses sonhos são ridículos e comezinhos)

não deixes que elas se aproximem dos teus filhos naqueles  
domingos

de sol em que os levas a brincar no parque  
toma cuidado porque esses pequenos bastardos têm chagas  
abertas pústulas supuradas vermes e sífilis  
metem nojo e fedem ao longe

se alguma vez topares com uma dessas crianças deitada na rua  
agonizando de fome  
não chames o rabeção  
chama o caminhão do lixo  
porque o lugar de bichos mortos é no aterro sanitário  
e se o prefeito da tua cidade for um homem esclarecido  
ele haverá de ter contratado o engarrafamento e a distribuição  
do gás produzido no aterro

se assim for  
esses moleques sarnentos que andam por aí ainda poderão  
ser-te úteis

pois ao menos  
depois de mortos  
servirão para acenderes o fogão e nele preparares a tua comida  
para que depois do almoço deixes crescer a barriga  
dormindo  
e arrotando de fastio

—oOo—

A Ana espalhou retratos pela casa inteira: no aparador, nas  
estantes,  
na mesa do som, nas gavetas (guardados em caixas de  
sapatos).

São retratos de irmãs, irmãos, tias velhas, cunhados, sobrinhos,  
avós, primos, amigos.

São retratos nossos, quando jovens, e não sabíamos que nos  
encontraríamos.

São retratos de formaturas, de jantares, de casamentos, de  
batizados  
— e outros são instantâneos tirados ao acaso na rua,  
na porta da casa, na praia, na varanda de um apartamento  
já antigo.

Talvez ela queira com isso diminuir a ausência  
e, assim, adiar a morte de quem está longe  
(porque raramente morre quem está perto).

Mas não há retratos que diminuam a ausência.

A ausência diminui-se por si mesma.

No começo sente-se a falta, como de uma unha quebrada,  
depois deixa de doer,  
e por fim é quase nada  
(apenas uma diferença).

Os retratos que a Ana espalhou pela casa vão-se tornando numa  
decoreação de interior.

Com o tempo, eles perdem a cor.  
Eles não doem.